

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REALIZADOR CONVIDADO: ADOLFO ARRIETA
7 e 9 de junho de 2022

DEAD OF NIGHT / 1945

(*A Dança da Morte*)

um filme de Alberto Cavalcanti, Robert Hamer,
Charles Crichton, Basil Dearden

Argumento: John Baines, Angus MacPhail, T.E.B. Clarcke, segundo histórias originais de H.G. Wells, E.F. Benson, John Baines e Angus MacPhail / **Fotografia:** Jack Parker, H. Julius / **Montagem:** Charles Hasse / **Música:** Georges Auric.

EPISÓDIO DE LIGAÇÃO

Realização: Basil Dearden / **Intérpretes:** Mervyn Johns (Walter Craig), Roland Culver (Eliot Foley), Mary Merrall (Mrs. Foley), Frederick Valk (Dr. Van Straaten), Renée Gadd (Mrs. Craig).

THE HEARSE DRIVER

Realização: Basil Dearden / **Intérpretes:** Antony Baird (Hugh Grainger), Judy Kelly (Joyce Grainger), Miles Malleon (o condutor).

THE CHRISTMAS STORY

Realização: Alberto Cavalcanti / **Intérpretes:** Sally Ann Howes (Sally O' Hara), Michael Allan (Jimmy Watson), Robert Wyndham (Dr. Albury).

THE HAUNTED MIRROR

Realização: Robert Hamer / **Intérpretes:** Googie Withers (Joan Courtland), Ralph Michael (Peter Courtland), Esme Percy (traficante).

THE VENTRILOQUIST' S DUMMY

Realização: Alberto Cavalcanti / **Intérpretes:** Michael Redgrave (Maxwell Frere), Hartley Power (Sylvester Kee), Allan Jeayes (Maurice Olcott), John Maguire (Hugo), Elisabeth Welch (Beulah), Magda Kun (Mitzi), Garry Marsh (Harry Parker).

THE GOLFING STORY

Realização: Charles Crichton / **Intérpretes:** Basil Radford (George Parratt), Naunton Wayne (Larry Potter), Peggy Bryan (Mary Lee).

Produção: Sir Michael Balcon / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado eletronicamente em português, 103 minutos / **Estreia Mundial:** 1945 / **Estreia em Portugal:** Odeon e Palácio, em 7 de Janeiro de 1948.

Durante muito tempo olhou-se para o cinema britânico do pós guerra com muita desconfiança. Era o modelo do cinema “académico” (numa conotação pejorativa), desfile de imagens de cera perfeitas mas sem vida. Nos anos 50, uma série de medíocres comédias que culminam na obscenidade de **Carry On...** remeteu “definitivamente” o cinema britânico para o purgatório, de onde o procurou tirar o que se chamou o “free cinema”, a geração dos “young angry men” (Tony Richardson, Karel Reisz, Schlesinger, Anderson, e poucos mais). Ora se as críticas tinham razão de ser na generalidade da produção dos anos 50, eram bastante injustas no que se refere aos filmes da década anterior, de que se ressaltavam o **Brief Encounter** de David Lean, as adaptações que Laurence Olivier fez de Shakespeare (**Henry V** e **Hamlet**) e também este **Dead of Night**. As (re)descobertas que se têm feito, têm levado a uma mudança de perspectiva. Recorde-se o ciclo de “Cinema Inglês” e a retrospectiva dedicada a Michael Powel. E ainda como **Brief Ecstasy**, de Edmond T.

Gréville, veio provar que, no fim de contas, o cinema britânico dos anos 30 não era só Hitchcock (recordem-se ainda as comédias musicais de Victor Saville com Jessie Matthews: **Evergreen** e **First a Girl**). Também no que se refere ao pós-guerra, há muitas outras surpresas a descobrir que não se limitam à obra de Powell e Pressburger ou às comédias “negras” de Hamer e Crichton, como, por exemplo, **I See a Dark Stranger (A Espia da Irlanda)**, de Frank Launder, **Haunted (A Alma de um Criminoso)**, **Saraband for Dead Lovers (Uma Mulher e Um Trono)**, de Basil Dearden, e, principalmente, essa obra prima do filme policial que foi **Green for Danger (O Criminoso Vestia de Branco)**, de Sidney Gilliat. Ou a série de filmes em *sketches* inspirados em contos de Maugham, **Quartet (A Arte de Viver)** e **Encore (Rapsódia da Vida)**. Estes filmes em episódios têm a sua origem no grande sucesso que alcançou **Dead of Night**. Se os filmes em episódios são frequentes em toda a história do cinema (**Intolerance**, de Griffith, **Woman**, de Maurice Tourneur, **Civilization**, de Ince, **Blad of Satans Bog**, de Dreyer), foi por altura da segunda guerra mundial que tiveram um incremento importante, a partir de **Un Carnet de Bal**, de Duvivier, em França, nos EUA, em Inglaterra e Itália. Mas o êxito de **Dead of Night** não se deve só à sua estrutura, mas também (e principalmente) ao tema da narrativa.

Dead of Night não é o que se pode chamar um filme de “autor”. Não só porque vários realizadores trabalharam nele, mas porque toda a obra revela uma unidade, que tem mais a ver com um estilo de produtor (Michael Balcon) e de Estúdio (a Ealing), ao qual se submetem os vários directores. Os vários episódios, mesmo os menos interessantes hoje em dia (*The Golfing Story*) inscrevem-se num todo harmonioso, na recriação de uma atmosfera fantástica, mantendo a continuidade de um para o outro, sem veleidades autorísticas. Mesmo o de maiores efeitos (o do ventríloquo, dirigido por Cavalcanti, ou o do pesadelo final, de características surrealistas, de Crichton), não procuram afirmar-se como segmentos independentes, sendo apenas o culminar de um processo que se adivinha desde o começo. Mas foi o tema que mais contribuiu para o êxito de **Dead of Night**, e em particular a narrativa circular, característica de muitas histórias fantásticas e que o cinema deste género passou a usar com frequência a partir da década de 70. Não esqueçamos também que algumas das séries televisivas de maior êxito na década de 50, exploraram modelos e temas afins, em particular as famosas “Twilight Zone” e “Alfred Hitchcock Presents” (esta, inclusive adaptou num episódio a história do ventríloquo: “And So Died Riabouchinska”, dirigido por Robert Stevenson). Os diversos episódios vão-se encaixando numa espécie de “ronda” que culmina num aparente regresso ao começo. Mas o círculo torna-se vicioso, deixando uma impressão de mal-estar e de verdadeiro pesadelo, porque indica que tudo se irá repetir sem possibilidade de se sair dele. É o mito de Sísifo que preside à orientação das histórias, com as personagens condenados a repetirem eternamente os mesmos gestos e actos. Um curioso filme de 1993, **Groundhog’s Day (O Feitiço do Tempo)** inspira-se numa ideia semelhante. Se todos os episódios não se equilibram dentro do princípio da história, há alguns que exploram melhor as suas características fantásticas, mesmo quando se resume a uma simples anedota de sonho premonitório (o condutor da carroça da morte) que é o primeiro episódio dirigido por Cavalcanti. A este realizador coube também o mais famoso, “The Ventriloquist’s Dummy”, apoiado numa fabulosa interpretação de Michael Redgrave, mas cujo valor se encontra, principalmente na forma com a história se concentra na rivalidade do ventríloquo com a sua “diabólica” marioneta, e na notável exploração dos jogos de luz e sombra. No crescendo em que o filme é construído, este episódio antecipa a espantosa sequência de cenas surrealizantes que materializam o pesadelo do convidado (recorde-se que nesse mesmo ano de 1945, Salvador Dali encenava para Hitchcock o famoso sonho de **Spellbound**). Mesmo que hoje **Dead of Night** deixe uma certa sensação de *dejá vu* (mas é uma sensação nascida do facto de muita coisa ter sido repetida depois), este filme a oito mãos (Alberto Cavalcanti, Robert Hamer, Charles Crichton e Basil Dearden) surge ainda como um dos mais importantes filmes fantásticos da história do cinema.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico